

BOURDIEU SEM MISTÉRIO OU A APLICABILIDADE DE FERRAMENTAS SOCIOLÓGICAS DE PESQUISA

*Cristina Carta Cardoso de MEDEIROS**

RESUMO: O presente texto procura discutir a apropriação da teoria sociológica desenvolvida por Pierre Bourdieu de forma prática e operacional. Após a verificação do grande interesse que o quadro teórico de análise desse autor vem suscitando, compreende-se a necessidade de refletir sobre a utilização das ferramentas de pesquisa legadas por Bourdieu, objetivando proporcionar uma maior segurança em sua aplicação em pesquisas de áreas variadas do conhecimento, destacando que o uso dessa teoria não deve ser absolutizado ou enquadrado em um formato único melhor. Valendo-se de exemplos colhidos no campo de produção intelectual, apontam-se algumas das formas a partir das quais conceitos e noções podem ser utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Pierre Bourdieu. Conceitos. Apropriação. Operacionalização.

Lector versus Auctor

A partir de experiências de pesquisa e de prática pedagógica em cursos de Graduação e Pós-Graduação, em disciplinas de cunho sociológico geral e específico, ou ainda em atividades de orientação e avaliação de dissertações e teses, percebeu-se uma preocupação crescente na leitura, apropriação e utilização do quadro teórico de análise de Pierre Bourdieu.

Atestou-se igualmente, o elevado número de pesquisas que, nos últimos anos, vêm empregando o quadro teórico de análise de Bourdieu, além do convite à releitura de sua obra que tem sido feito pelo estímulo do aparecimento de novos

* UFPR – Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. 80221-370 – cricaccm@gmail.com

livros, do e sobre o autor e a divulgação de pesquisas que se utilizam de sua teoria científica, como um programa de percepção e ação para olhar o campo empírico.

É importante explicitar o que se entende por apropriação, pois tal conceito, operacionalizado por Catani, Catani e Pereira (2001) e complementado aqui com a leitura de Bourdieu (1987, 2001, 2003) e Chartier (2002), também é utilizado no desenvolvimento deste artigo. Catani, Catani e Pereira (2001) referem-se à apropriação para dar conta da multiplicidade de formas de recepção e os modos de invenção na leitura que se faz de um autor. O termo se origina do esquema conceitual forjado por Roger Chartier (2002) sobre apropriação cultural, para descrever os processos de produção de sentido que configuram a leitura como criação, matizando a compreensão das várias interpretações que podem ser feitas, visando uma história social dos usos e interpretações inscritas nas práticas que as produzem.

Essas interpretações estão ligadas a um tipo de consumo cultural, já que, segundo Bourdieu (2001), a leitura é uma prática cultural, cujo sentido dado pelos leitores e a atribuição de pressupostos ao texto, terão uma variação que decorre de competências e instrumentos diferentes, desigualmente distribuídos. Deve-se levar em consideração igualmente uma variação histórica, decorrente do momento em que a leitura é feita, já que para esse sociólogo o livro muda, quando muda o mundo em torno dele.

Para Bourdieu (2001) a leitura é produto também das circunstâncias nas quais o leitor foi produzido e a única maneira de escapar a esta leitura localizada e aos efeitos dessas circunstâncias é realizando uma reflexão histórica sobre a leitura e sobre as representações culturais (CHARTIER, 2002) que se entrelaçam às tradições/esquemas intelectuais. Essa reflexão será efetivada na proporção em que o leitor puder se afastar das leituras enquadradas, como as instruídas pelo sistema escolar. A recepção e apropriação de um autor e sua obra derivam, portanto, de um filtro realizado pela escola entre o que o autor busca afirmar e o que os alunos devem compreender. É por isso que, “[...] entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes.” (BOURDIEU, 2001, p.184). Porém, a partir de Bourdieu (2001, p.185) percebe-se que o sistema escolar também será responsável por uma aprendizagem da leitura que pode acontecer em dois níveis: “[...] a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e [...] a capacidade de uma leitura mais hábil, que pode se apropriar de diferentes textos.”

As questões que concernem à aprendizagem da leitura são fundamentais quando se pretende estudar o campo científico e compreender as formas de apropriação da obra de determinado autor, já que no movimento desta apropriação

se quer perceber em que proporção, com relação à teoria sociológica de Pierre Bourdieu, o *lector* tornou-se *auctor*. Segundo Bourdieu (2001), que aponta a diferença entre o *auctor* e o *lector*, o *auctor* é o produtor do texto e o *lector* aquele cuja produção consistiria em falar das obras dos outros, divisão correspondente àquela do escritor e do comentador. Entretanto, para o sociólogo francês, o *lector* pode transformar-se em *auctor* quando consegue ler o texto e realizar alguma coisa com o que leu, ou seja, quando faz avançar o conhecimento. Para ser um *auctor* seria preciso então refletir sobre os usos que se faz de determinada obra, compreendendo a diferença entre citar o autor para lhe dar voz e explicitar suas afirmações e citar o autor sem o esforço de pensar como este, utilizando-o sem realizar o exercício intelectual da interpretação do texto.

No caso do campo de produção acadêmica, as questões ligadas à apropriação, à produção de sentido, estão conectadas a um sistema de relações em que as práticas são direcionadas para a aquisição dos monopólios da autoridade científica, também denominada de capital científico, uma espécie particular de capital simbólico que repousa sobre o reconhecimento de uma competência científica, outorgada pelos pares do campo científico. Sob a influência do sistema escolar, também em nível de pós-graduação e incidindo sobre a produção acadêmica, pode-se perceber que é imposto ao livro/obra um determinado modo de apropriação e em alguns momentos esta apropriação pode estar ancorada muito mais no “rumor intelectual” (BOURDIEU, 2002a, p.187) do que na mensagem do texto propriamente dita, já que o que circula entre os autores não são somente os textos, mas as palavras, os títulos e as palavras-*slogans* que rompem a confiança. Um livro chega ao leitor com marcas de um sistema de classificação implícito e tendo nas mãos um texto já codificado, sua leitura vai ser orientada inconscientemente. Mais uma vez aqui seria necessária uma reflexão sobre esse sistema de classificação e, para além de ler um texto ou um autor pelos olhos dos outros, seria preciso buscar identificar na leitura, as afinidades de disposições entre o leitor e o autor e atentar para o que afirma Bourdieu (2001) quando fala da importância de eliminar os fatores que possam predispor a uma leitura influenciada.

Discutindo a recepção de suas obras *Os Herdeiros* e *A Reprodução* em *Retour sur la reception des Héritiers et de La Reproduction*, situação que pode ser encarada como exemplo das afirmações acima, Bourdieu (2002a, p.73), avalia que o primeiro livro, apesar de não dizer nada de extraordinário uma vez que os fatos eram conhecidos pela comunidade científica, foi como um “trovão do céu político”. Falando do segundo livro, o autor afirma que o termo reprodução teve um efeito catastrófico, realizando-se um “cordão sanitário” (BOURDIEU, 2002a, p.75) para anular ou no mínimo neutralizar os efeitos da mensagem que mostrava que o sistema de ensino exercia efeitos conservadores.

Assim, afirma-se que nem todos puderam compreender a intenção de Bourdieu de colocar à disposição estudos e pesquisas repletos de reflexões sobre diversos campos sociais, destacando somente a dificuldade de apreensão de seus textos e de suas frases longas, que para o autor sempre se tratou de uma combinação de rigor científico e de compromisso em revelar a complexidade do que observava.

Para Mauger (2004a), não se podem negar as dificuldades semânticas e sintáticas inerentes aos escritos de Bourdieu, contrastando por vezes com a expressão oral que convida a um formato que aproxima autor e espectador em uma evocação teórica mais ou menos controlada. Favorece também a uma simplificação e argumentação que beneficiam às conclusões, ajustando intuitivamente o enunciado às expectativas prováveis do público ao qual o autor se dirige, permitindo outro ritmo e outro tom.

Mesmo Bourdieu (1987) ressalta as dificuldades de escrever um texto em Sociologia. O material escrito, segundo o sociólogo, se torna por vezes um produto estranho. Se por um lado funda uma autonomia, uma vez que o escritor se retira tanto quanto possível, levando com ele os efeitos retóricos próprios do discurso, dando liberdade de interpretação ao leitor, por outro lado, na comunicação oral, pela urgência e linearidade, acaba-se propiciando simplificações, pois se pode ir de um ponto a outro, queimando etapas que um raciocínio rigoroso deve galgar uma a uma.

Segundo Mauger (2004b), os que tiveram a chance de escutar as aulas ou seminários de Pierre Bourdieu, nos quais ele comentava livremente os trabalhos (seus e de seus orientandos e alunos), puderam verificar um pensamento em construção e atestar um *modus operandi*. Seu colóquio possuía homologia com seus textos escritos, mas era menos controlado. Expressava o pensamento que antecede a retirada dos andaimes teóricos e se aproximava do tipo de estrutura retórica que era encontrada em seu trabalho. O próprio sociólogo gostava de se apresentar em público, declarando que assim podia dar uma ideia mais viva e menos abstrata de quem ele era e o que ele fazia, como se a apropriação de um *modus operandi*, a interiorização do *habitus* sociológico, tivesse que passar igualmente pela *hexis* corporal correspondente.

As dificuldades linguísticas são proporcionais aos recursos culturais dos leitores e, mais especificamente, aos sociológicos e, na obra de Bourdieu, essas dificuldades se devem à densidade da argumentação, ao caráter profuso da exemplificação frequentemente reforçada pela indicação lateral de possíveis homologias e a preocupação em delimitar a validade de um enunciado, prevenindo as possíveis objeções e eventuais interpretações equivocadas. Para Champagne e Christin (2004)

Bourdieu foi muitas vezes censurado por escrever de forma incompreensível para as classes culturalmente desfavorecidas, mesmo que seu trabalho fosse desvelar sua condição de desfavorecimento e de revelar os mecanismos sociais ocultos que poderiam neutralizar os fatores que auxiliam a permanência desse quadro social estabelecido. Instituiu-se assim, segundo os comentadores, uma forma de contradição, ou seja, a democratização da Sociologia para uma apropriação em massa conflitaría com o próprio *status* da área enquanto ciência, que teria que se esforçar para se tornar popular e não populista, evitando uma vulgarização simplista que anularia a mensagem científica. Os usos sociais da Sociologia fariam parte do ofício do sociólogo, apontado por Bourdieu, que deveria resolver o problema da difusão sem deformação da mensagem científica.

Além das questões linguísticas, Mauger (2004a) ressalta que existem obstáculos de compreensão derivados de um tipo de leitura escolástica, praticada pelos intelectuais e que consiste em reduzir a obra à sua dimensão puramente teórica, discutindo somente os conceitos em lugar de utilizá-los. A forma teoricista de ler a obra de Bourdieu, que consiste em ater-se ao objeto de estudo e às conclusões desconectando o procedimento metodológico de que são produto, ignora sua dimensão empírica e sua intenção de transmitir ferramentas de investigação, instrumentos teóricos e disposições científicas.

Ressalta-se ainda, como ponto de ponderação, o que afirma Bouveresse (2003) com relação ao posicionamento deste sociólogo francês sempre preocupado em esclarecer que não trabalhava essencialmente na elaboração de um saber de *expert* e que somente os *experts* pudessem utilizá-lo. Estava convencido de que deveria fornecer, a todos aqueles que quisessem, os meios de verificar por eles mesmos em suas situações particulares de pesquisa e em suas experiências sociais pessoais, maneiras de compreender o que ele construía teoricamente e que emergia de suas incursões na prática. Não queria tampouco que acreditassem imediatamente no que ele dizia por ser ele quem o dizia. Por esse motivo, Bouveresse (2003) afirma que quando lhe perguntam o que aprendeu lendo Bourdieu, e que admite tratar-se de sua grande dívida para com o intelectual, explica que aprendeu a pensar mais livremente.

Caixa de Ferramentas Sociológica

Alguns conceitos e noções elaborados por Pierre Bourdieu ganham destaque tanto em termos de curiosidade, já que suscitam um maior investimento em leituras que as tornem inteligíveis, quanto no grande número de casos em que são empregados.

O desafio é de dupla ordem, decifrar a leitura em vias de uma apropriação e realizar a utilização das ferramentas sociológicas legadas pelo autor. A intenção neste texto seria justamente refletir sobre o segundo desafio, objetivando uma tentativa de proporcionar uma maior segurança no emprego do quadro teórico de análise de Bourdieu.

A partir do objetivo proposto é preciso, primeiramente, argumentar com os autores das produções do campo científico no sentido de liberá-los, utilizando para tal intento, as palavras do próprio sociólogo.

Intenções excelentes podem produzir efeitos que não são aqueles desejados e que exercem, nos jovens espíritos, efeitos de bloqueio. Por conseguinte, gostaria de liberar, de alguma forma, tanto quanto possível, este efeito de bloqueio que pode exercer uma obra recebida em certas condições. Da mesma forma que Marx dizia que ele não era marxista, eu diria que eu não sou nem *bourdieusiano*, nem *bourdivino*. (BOURDIEU, 2005, p.326, grifo do autor).

Essa liberação tem a ver com a compreensão de que o uso da teoria não deve ser absolutizado. Existem vários elementos de apropriação e não se deve pressupor a existência de um formato único melhor. Claro que existem algumas ressalvas de interpretação e de utilização de sua abordagem sociológica. Como afirma o próprio Bourdieu (2000), existem aproximações entre conceitos ou entre autores que não se podem fazer, porque esses conceitos ou esses autores pertencem a universos que se excluem. Existem assim opções que são inconciliáveis e que poderiam ser evitadas pela aproximação mais efetiva com as obras do autor.

Deve-se refletir também nas afirmações de Catani (2011) quando destaca que no modelo teórico desenvolvido por Bourdieu, as noções não são examinadas em si mesmas para si mesmas e sim utilizadas e postas à prova em pesquisas teóricas e empíricas, mobilizando-se modelos quantitativos e qualitativos de observação para a verificação de objetos da realidade empírica, situados no espaço e no tempo.

Tomado este cuidado, caminha-se para o segundo passo, a saber, longe de um formato padronizado, esclarecer algumas das formas a partir das quais os conceitos e noções podem ser utilizados, valendo-se para este fim de exemplos colhidos no campo de produção intelectual.

Com relação às produções que utilizam o quadro teórico de Bourdieu, seja em artigos ou produtos finais de cursos de pós-graduações, pode ser percebido que alguns autores se preocupam em apresentar uma biografia do autor, além de explicações sobre os conceitos do sociólogo que empregam para construir suas argumentações, a partir de citações diretas do autor ou de comentadores, realizando,

portanto, mais um manual de estudos do que propriamente a instrumentalização de tais conceitos. No momento da utilização das noções para a análise dos dados empíricos, além da falta de clareza sobre o que se acabou de expor (capítulo teórico), é possível detectar, em alguns casos, certa falta de entendimento ou equívoco na operacionalização da inferência a partir do referencial escolhido, dificuldade em olhar os dados a partir dos conceitos ou ainda perda do fôlego para a efetivação de tal inferência. O destaque passa a ser dado à vertente teórico-metodológica que está sendo utilizada ao invés de centrar-se no objeto de pesquisa e sua problemática.

Com o propósito de reforçar a premissa acima, destacam-se as afirmações de Brandão (2010) para quem a proposta *bourdieusiana* de colocar em jogo as coisas teóricas, obriga o pesquisador a operar com os conceitos, utilizando-os como ferramentas de construção dos fenômenos empíricos que constituem o foco da investigação, assim, segundo essa autora, Bourdieu seria avesso a uma prática acadêmica ainda frequente e modelada no início da pós-graduação no Brasil, em que discursos teóricos antecedem a articulação com os objetos de estudo pré-construídos, sobrevalorizando as referências teóricas em um efeito teoria que cega o pesquisador e acaba por direcionar as respostas e as conclusões, antítese da atividade de pesquisa.

Discorrendo sobre a operacionalização dos conceitos, com e para além de Bourdieu, Brandão (2010) reforça a necessidade de recusar os monismos metodológicos pela impossibilidade de se esgotar a análise dos variados objetos sociais a partir de um único ângulo, além da importância de não se deixar cair na armadilha de sobrepor-se ao interesse do conhecimento na tentação de escrever somente para os pares, o que impediria o debate, a discordância e a crítica.

Após essas ponderações é importante refletir sobre algumas das dúvidas que aparecem na utilização do quadro teórico de análise desenvolvido por Bourdieu e que se refletem diretamente na qualidade da exposição das produções com este referencial. Questões como: o que é *habitus*? Quais são e como se podem descrever as disposições? O que é um campo? O que o configura? Como descrevê-lo e às suas estruturas? Como desenhá-lo? Que capitais estão em jogo nesse campo? Como descrever os capitais específicos do campo?

Sem as respostas para tais questões, entendendo que tais respostas também ampliam as noções legadas pelo autor que complementam, dão sentido e significado para os três conceitos acima citados, o pesquisador poderá ter dificuldade para desenvolver sua pesquisa e possivelmente não vai conseguir escapar do pressuposto isso é e isso não é, ou seja, simplificará e limitará o potencial das análises que podem ser realizadas e as derivações da investigação.

O objetivo deste texto não é a descrição e explicações aprofundadas sobre os conceitos e noções, mas centrar esforços na explicitação da utilização dos mesmos

a partir de exemplos, assim parte-se do pressuposto da realização prévia da leitura e estudo de Bourdieu e de comentadores que possam tornar a operacionalização dos conceitos possível a partir de sua inteligibilidade.

O conceito de *habitus*, por exemplo, é uma noção que delinea uma matriz cultural internalizada, um sistema de disposições, inclinações de perceber, sentir, fazer e pensar incorporados pelo agente no processo de socialização, ou seja, na aprendizagem das relações sociais que ocorre na trajetória social. Relevante destacar, a partir de Setton (2009), que para detectar tais disposições é importante verificar que é no ambiente social que o indivíduo encontra condições de forjar tal sistema de referências que mescle influências variadas (família, escola, trabalho, mídia) em que tecerá uma rede de sentido que unificam as disposições em suas experiências de socialização, articulando essas múltiplas referências identitárias adquiridas no espaço social plural. Como noção mediadora, não se pode perceber somente o indivíduo sem verificar que as disposições incorporadas refletem os campos sociais em que o indivíduo se insere. Para Setton (2009), existe uma troca dialógica entre indivíduo e espaço social, sendo que a socialização seria justamente,

[...] uma dinâmica processual, fundada na troca de bens e mensagens simbólicos entre instâncias socializadoras e agentes sociais, prática que envolve simultaneamente a todos, em todas as dimensões da vida dos agentes e tem como tarefa manter o contrato e o funcionamento de um consenso social na unidade da ação individual. (SETTON, 2009, p.306).

Mas como descrever um sistema de disposições que possui componentes de sociação e de individuação ou como destaca Wacquant (2007), de sociação na medida em que essas disposições podem ser partilhadas por agentes submetidos a condições e condicionamentos sociais similares e individuação porque cada pessoa internaliza uma combinação incomparável de esquemas? Na resposta desta questão é que se pode começar a operacionalizar o conceito de *habitus*.

Wacquant (2007) afirma que para Pierre Bourdieu a noção de *habitus*

[...] é, em primeiro lugar e acima de tudo, um modo estenográfico de designar uma *postura de investigação*, ao apontar um caminho para escavar as categorias implícitas por meio das quais as pessoas montam continuamente seu mundo vivido, que tem informado pesquisas empíricas em torno da constituição social de agentes competentes em uma gama variada de quadros institucionais. (WACQUANT, 2007, p.69-70, grifo do autor).

No sentido de auxiliar o entendimento do conceito em ação, pode-se tomar como exemplo, a variante do *habitus* professoral, utilizando aqui as reflexões de Silva (2005) que arquitetou tal variante a partir do conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu e da categoria experiência, fruto de muitos acontecimentos inter-relacionados ou de muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento, formulada por Edward Thompson, além de estudos sobre a epistemologia da prática docente. Para Silva (2005, p.157-158), “[...] a semelhança entre a lógica da noção de experiência e a noção de *habitus* é visível. O que seguramente se pode dizer é que uma não existe sem a outra, já que o *habitus* é a substância da experiência e vice-versa.” Assim, segundo essa autora, a natureza do ensino na sala de aula, da prática do ato de ensinar, é constituída por uma estrutura estável, porém estruturante, isto é, uma estrutura estável, mas não estática, derivada de uma aprendizagem que desenvolve o *habitus* professoral. A partir de uma pesquisa empírica, foi observado e descrito um conjunto de ações que eram exercidas pelos professores observados, ações essas que recebiam respostas imediatas, objetivas e espontâneas de seus alunos, que estabeleciam relação direta com os gestos de ensino praticados por esses profissionais. Portanto, comportamentos semelhantes dos professores geravam comportamentos semelhantes dos alunos, traduzidos sob a forma de gestos corporais e apreciações próprios do processo de ensino-aprendizagem, gestos esses aprendidos na prática de ser professor e na prática de ser aluno.

Com a descrição da *hexis* corporal dos professores e sua interpretação combinada com outros dados quantitativos e qualitativos, Silva (2005) conclui que a formação do *habitus* professoral, ou seja, as disposições que são adquiridas na ação docente são desenvolvidas somente no e com o exercício da docência. Os elementos de formação que são aprendidos na teoria dos cursos de formação de professores só são agregados ao *habitus* a partir da prática da ação, prática essa realizada também com recursos teóricos que foram aprendidos abstratamente. Entretanto, aqui importa ressaltar que a aprendizagem que advém da observação é intelectual e não prática, ou seja, os discentes dos cursos de formação de professores não aprendem a serem mestres quando são estudantes. O que se pode afirmar é que a incorporação das disposições são auxiliadas pela imersão precoce e de longo prazo do futuro professor como aluno no ambiente escolar, matriz de percepções e apreciações do ser professor adquiridas pela ação osmótica do *habitus*.

Importante comentar que Silva (2005) realiza uma observação da estruturação do *habitus* professoral comum a todos os profissionais de ensino na sala de aula, mas destaca, conforme Bourdieu a necessidade de perceber a diversidade da homogeneidade. Para tal seria preciso ir de aspectos macrossociológicos para os microsociológicos. Partindo de um *habitus* professoral de forma ampla e dirigindo-

se para a especificidade de disposições derivadas da trajetória social do indivíduo, localizando-o no espaço social, ou seja, no campo em que se insere, espaço de posições hierárquicas que distribui os agentes a partir do volume dos tipos de capitais específicos que possui.

Caminha-se então no sentido de corroborar com a tese de que os conceitos de Bourdieu estão interligados, são indissociáveis e auxiliam no processo de entendimento de que o objeto das Ciências sociais não é o indivíduo, mas a rede de relações das quais esse indivíduo participa.

A noção de campo, a partir de Bourdieu (2002b, 2003) pode ser compreendida quando se pensa em um espaço social estruturado e hierarquizado de posições em disputa, em lutas concorrenciais, definidas na posse do capital (volume e estrutura) específico circulante no campo (acumulado em lutas anteriores e derivado de uma trajetória social), que engloba instituições, agentes, grupos de agentes com *habitus* compatível e gerador de estratégias, em que pretendentes e dominantes, crentes no jogo, na disputa, e com interesses fundamentais em comum, estabelecem relações de força e de poder.

Parece que o campo é o mais fácil de ser nomeado e delimitado. Pode-se falar em campo educacional, campo universitário, campo jurídico, campo esportivo, campo literário, entre outros, fundados e explicitados por Bourdieu em suas pesquisas empíricas ou por pesquisadores que operaram com seu arcabouço teórico-metodológico. São perceptíveis, igualmente, seus limites, se se pode desenhar o limite de seus efeitos e as estruturas de relações objetivas que auxiliam a explicação das formas concretas de interação. Como, no quadro teórico desenvolvido por Bourdieu, sabe-se que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos, por isso a referências de propriedades gerais a todos os campos, é possível utilizar o que se aprende sobre o funcionamento de cada campo particular para interrogar e interpretar outros campos, que embora relativamente autônomos, se inter-relacionam (BOURDIEU, 2002b, 2003).

É destacado em Montagner e Montagner (2011) que o campo possui uma dinâmica de regularidade social, pois traz em si mesmo as condições de sua própria reprodução, a saber, meios de formação de novos integrantes (uma vez que a gênese do conceito adveio da necessidade de situar os agentes portadores de um *habitus* dentro do espaço no qual esse mesmo *habitus* foi engendrado); inclui instâncias de consagração e os ritos de instituição, responsáveis pela regulação do que é legítimo e o que é desvalorizado, além dos modos de seleção de novos integrantes ou postulantes.

Mas como se desenha tal espaço simbólico? Como pode ser descrito para análise e utilizado como ferramenta sociológica?

Algo parecido com um roteiro e que esclarece tal questão, pode ser encontrado em Wacquant (2005) quando procura descrever como Pierre Bourdieu desenvolveu o conceito a partir do campo artístico. Para esse autor seria preciso primeiramente, perceber a posição do campo em referência ao campo do poder, ou seja, na teia de instituições na qual circulam os poderes econômicos, políticos e culturais reservados à classe dominante; depois, deve-se traçar uma topologia da estrutura interna do campo, de modo a desvendar a estruturação das relações (de supremacia e subordinação, distância e proximidade, complementaridade e antagonismo) que vigoram entre os agentes e as instituições; por último Wacquant (2005) destaca como fundamental realizar a construção das trajetórias sociais dos indivíduos, de modo a tornar visível o sistema de disposições socialmente constituído, o *habitus*, que guia a conduta e as representações dos agentes, esquemas interiorizados de compreensão que atualizam ou não as potencialidades inscritas nas posições ocupadas no campo.

Para exemplificar a descrição de um campo, retoma-se Catani (2011) que descreve o campo universitário, real não apenas por sua estrutura objetiva, mas também porque esta se verifica incorporada nas disposições dos agentes, afirmando que o mesmo,

[...] é um *locus* de relações que envolvem como protagonistas agentes que possuem a delegação para gerir e produzir práticas universitárias, isto é, uma modalidade de produção consagrada e legitimada. É um espaço social, institucionalizado, delimitado, com objetivos e finalidades específicas, onde se instala uma verdadeira luta para classificar o que pertence ou não a esse mundo e onde são produzidas distintas *enjeux* (apostas) de poder. As diferentes naturezas de capital e as disposições acadêmicas geradas e atuantes no campo materializam-se nas tomadas de posição, é dizer, no sistema estruturado das práticas e das expressões dos agentes. (CATANI, 2011, p.198).

O campo universitário foi um dos estudados e descritos por Bourdieu (2002c) em sua obra *Homo Academicus* de 1984. Nessa obra o autor inicia sua abordagem do campo situando os professores universitários no pólo dominado do campo do poder, opondo-se, em relação a esta posição, aos padrões da indústria e do comércio. Contudo, enquanto detentores de uma forma institucionalizada de capital cultural, eles se opõem também aos escritores e aos artistas ocupando uma posição dominante no campo de produção cultural. Já especificamente dentro do campo das instituições de ensino superior, cuja estrutura reproduz em uma lógica propriamente escolar a estrutura do campo do poder, os professores das diferentes faculdades se distribuem nas posições entre o pólo do poder econômico e político e o pólo de prestígio cultural. O campo universitário reproduz também em sua estrutura o campo do

poder na sua ação de seleção e de inculcação, contribuindo para a reprodução das diferentes posições encontradas no campo do poder. Isto pode ser atestado quando se percebem as diferenças econômicas, culturais e sociais, que separam as faculdades e as disciplinas, e em que se reconhece o essencial do que constitui as oposições no seio do campo do poder entre a fração dominada e a fração dominante (BOURDIEU, 2002c).

Bourdieu (2002c) ainda descreve os princípios de hierarquização do campo universitário, as espécies de poder presentes no campo e o tipo circulante de capital, o capital universitário em que se mesclam autoridade científica e autoridade estatutária fundada no arbitrário da instituição.

A partir do exemplo do campo universitário, pode-se compreender de que forma o conceito de campo pode ser operacionalizado, lembrando que existem também outras formas de combinação possível. Pode-se estudar os subcampos, ou seja, nesse mesmo exemplo, recorda-se que Bourdieu fez estudos sobre o campo dos estabelecimentos de ensino superior e delimitou para análise os subcampos as Grandes Escolas, as Faculdades e as Classes Preparatórias. Tudo depende, portanto, da onde se realizar a observação e de verificar o conjunto de relações objetivas entre instituições e agentes correspondentes que possuem o mesmo campo gravitacional e que exercem uns sobre os outros efeitos à distância. Outro exemplo pode surgir ao analisar o campo esportivo. Pode trabalhar com o campo esportivo e o subcampo do futebol, uma vez que se pretende vincular em um guarda-chuva maior, o espaço social observado. Pode-se também estudar as interseções dos campos, como quando se observa o campo esportivo que é permeado por vários outros campos, como o midiático, o científico, o jurídico, o político, o científico, surgem novas combinações e novas denominações de campo, como o campo midiático-esportivo em que será analisada a interferência da mídia no esporte, ou ainda que é possível diferenciar uma mídia voltada para o fenômeno do esporte em comparação, por exemplo, à mídia que se dedica a explicitação de outros fatos e fenômenos. Se o foco fossem as políticas públicas de esporte, poder-se-ia analisar o campo político-esportivo delineando todos os componentes sociais que o determinam, lógicas, interesses, poder simbólico, capital circulante, disposições, etc.

Fechando a tríade de base do quadro teórico de análise de Bourdieu, destaca-se a relevância de agregar aos conceitos de *habitus* e campo, o conceito de capital desenvolvido pelo autor.

Bourdieu elaborou enunciados para o capital cultural, capital social, capital simbólico e o capital econômico. Importantes para compreender a dinâmica social de seu pensamento, o autor delimitou o capital econômico como os fatores de produção e o conjunto de bens materiais ou financeiros; o capital cultural em seu formato

incorporado, objetivado ou institucionalizado; o capital social como o conjunto de relações sócias, de conexões, ligações com outros indivíduos e o capital simbólico, que seria o reconhecimento e posse das outras três formas de capital (BRANDÃO, 2010).

Como exemplo de interpretação e utilização do conceito pode-se verificar em Brandão (2010) que a operação com o conceito de capital cultural se deu a partir do *survey* desenvolvido para coleta de informações do público interrogado para a pesquisa empírica e que suscitou inferências interessantes. Primeiramente verificou-se a necessidade de ir além de Bourdieu quando foi percebido um distanciamento da lógica e do conteúdo das práticas sociais das elites culturais estudadas por Bourdieu na França das décadas de 1960 e 1970 e o surgimento de outros padrões de cultura. Parece uma afirmação óbvia, mas de grande pertinência para destacar que o pesquisador deve extrapolar o universo empírico que deu origem ao conceito e não somente realizar a verificação dos mesmos elementos encontrados por Bourdieu. No caso de Brandão (2010), evidenciou-se que no universo pesquisado novos padrões de distinção e assim a possibilidade de reposicionamento dos agentes nos campos sociais devido a nova forma de capital possuída, advinham do volume de capital informacional dos agentes estudados. Deduziu-se na referida pesquisa que,

A qualidade da vida social nos espaços urbanos, crescentemente complexos das grandes metrópoles – com o Rio de Janeiro –, demanda um tipo de conhecimento permanentemente atualizado que articule o nível local aos cenários mundiais/globais. Por outro lado, essa articulação se faz necessária para poder compreender e significar o cotidiano, assim como para desenvolver estratégias a partir da antecipação de cenários futuros de curto prazo. (BRANDÃO, 2010, p.234).

A autora conclui que o capital informacional não é democraticamente distribuído porque está condicionada às condições socioeconômicas e ligada ao uso de novas tecnologias de informação como via de escoamento e orientação do fluxo de trocas materiais e simbólicas.

Para tornar mais palpável a utilização do conceito de capital cultural pode-se pensar nas pesquisas que verificam as estratégias de reconversão deste tipo de capital em outros. Um exemplo desta reconversão pode ser verificado em pesquisas empíricas que detectam que as famílias procuram a ampliação do capital cultural e social dos filhos e por este motivo preocupam-se na hora de escolher a escolas que esses irão frequentar.

A partir do exemplo colhido em dados de pesquisa que utilizam o quadro teórico-metodológico que aqui se cita, atesta-se a conexão do conceito de capital

com os demais conceitos desenvolvidos por Bourdieu. Perceberam-se premissas como: que o capital cultural é valorizado tanto pela autonomia quanto pela dinâmica do campo; que o capital cultural reveste os bens econômicos de determinado poder simbólico; que o tipo de capital social depende do lugar ocupado pelo agente, do *habitus* incorporado e dos capitais culturais e econômicos que o indivíduo possui e, por fim, que a combinação dos diferentes tipos de capital, possibilita a localização do agente social no interior do campo em que atua.

A preocupação nas investigações examinadas foi, portanto, e assim se exemplifica a utilização do conceito, mapear como o capital cultural é adquirido e mantido; a descrição de estratégias educativas, pela escolha de instâncias de socialização que atuem em continuidade com experiências do meio familiar; a distribuição de bens culturais e as estratégias escolares que determinam o campo de possíveis (a possibilidade ou não da circulação em espaços sociais diversos).

Considerações Finais

A partir do exposto neste texto, reflete-se sobre algumas configurações possíveis nas quais as ferramentas sociológicas de pesquisa legadas por Pierre Bourdieu podem se tornar operacionais ao ponto de auxiliar a inferência de dados de pesquisa em áreas diversas. Os conceitos de *habitus*, campo e capital, atrelados e em consonância com as demais noções desenvolvidas por Bourdieu, foram aqui expostos no sentido de revelar exemplos de sua utilização e não um “formato único melhor”.

Foi possível detectar na utilização do conceito de *habitus* a descrição dos gestos corporais, das formas de agir, pensar e de apreciar típicas do ser professor, que inclinava gestos, formas de agir, de pensar e apreciar típicas do ser aluno, revelando também um *habitus* estudantil. Só foi possível realizar essa estenografia pela visível regularidade das disposições. A observação no campo empírico aliada a outras técnicas de pesquisa (questionário, entrevistas, análise de documentos, entre outras), pode auxiliar na compreensão de *habitus* de categorias, mas também na percepção do *habitus* individual, derivação do *habitus* de classe, a diversidade na homogeneidade cuja descrição vai depender do tipo de problema de pesquisa que se quer discutir. O que se conclui é que tal regularidade de disposições, possível de ser detectada em outros campos, é uma visualização de disposições de nível macrosociológico.

Relembra-se que para Montagner e Montagner (2011) ainda não foram desenvolvidos na Sociologia elementos de captação e sistemas de análise capazes

de bem determinar a linguagem corporal, ou seja, a *hexis* como ela se apresenta. Mesmo se exemplificada e analisada externamente, falta uma técnica alentadora e eficaz no manuseio desse tipo de dado.

Depois de retrazar elementos da gênese do campo a ser investigado deve-se iniciar com a descrição da topologia da estrutura interna e funcionamento do campo a partir da explicitação de sua lógica, objetos de disputa e das disposições dos agentes que nele circulam. Como lembram Jourdain e Naulin (2011), a verificação do funcionamento do campo poderá se dar utilizando a metáfora do jogo desenvolvida por Bourdieu para a operacionalização desse conceito, atentando-se para as regras do jogo que definem os mecanismos legítimos de aquisição e de conservação do capital específico do campo e os ritos de consagração que permitem elevar as posições. Com o senso do jogo, de forma geral, se compreende a crença na disputa e em sua existência (*illusio*). A interiorização da *illusio* própria de um campo se dá na aquisição de um *habitus* ajustado ao campo, que permite interiorizar o conhecimento e o reconhecimento das apostas e leis do campo, ou seja, práticas que se ajustam espontaneamente às exigências do campo.

O conceito de capital é operacionalizado na descrição dos tipos variados de capitais (econômico, cultural, social, simbólico) e das estratégias de manutenção e reconversão dos mesmos, lembrando que são os objetos de disputa nos campos sociais. A verificação do capital cultural em seu estado incorporado (o ter que se tornou ser; propriedade que se fez corpo) é a própria verificação das disposições uma vez que é um tipo de capital ligado ao corpo e que têm a predisposição para funcionar como capital simbólico. O capital cultural institucionalizado é detectável com a busca por certificados, ou seja, pela certidão de competência cultural e o capital cultural objetivado se evidencia na busca por suportes materiais que possuem os agentes sociais. A descrição do capital social é descrição própria da rede de relações que o agente pode mobilizar e os lucros que o pertencimento ao grupo pode proporcionar.

Concluindo, resta relembrar que, de uma forma ou de outra, com quaisquer conceitos de noções desenvolvidos por Bourdieu que sejam empregados na inferência de dados, a ideia é sempre realizar rupturas e desnaturalizar os espaços sociais para que sejam observados os elementos do campo empírico que, à luz do quadro teórico de análise legado por esse sociólogo, auxiliem a desvelar as lógicas da ordem social estabelecida, proporcionando reflexões e posteriores ações em direção à emancipação do indivíduo a partir de sua autoanálise.

BOURDIEU WITHOUT MYSTERY OR THE APPLICABILITY OF SOCIOLOGICAL RESEARCH TOOLS

ABSTRACT: *This paper aims to discuss in a practical and operational way the appropriation of the sociological theory developed by Pierre Bourdieu. After checking the great interest that the theoretical framework of analysis of this author has raised, we can understand the need to reflect on the use of the search tools created by Bourdieu, aiming to provide more security in their application in various research areas of knowledge, highlighting that the use of this theory should not be absolute claims or framed in a single format. Drawing on examples collected in the intellectual production field, we pointed out some of the forms from which concepts and notions can be used.*

KEYWORDS: *Pierre Bourdieu. Concepts. Appropriation. Operationalization.*

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

_____. Retour sur la reception des héritiers et de la reproduction. In : BOURDIEU, P. **Interventions, 1961-2001: science sociale & action politique**. Marseille: Agone, 2002a. p.73-77.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

_____. **Homo Academicus**. Paris: Minuit, 2002c.

_____. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Tradução de Cristiane Nascimento. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.229-253.

_____. L'inconscient d'école. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.135, p.3-5, 2000.

_____. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987.

BOUVERESSE, J. **Bourdieu, savant & politique**. Marseille: Agone, 2003.

BRANDÃO, Z. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p.227-241, jan.-abr. 2010.

CATANI, A. M. As possibilidades analíticas da noção de campo social. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.32, n.114, p.189-202, jan.-mar. 2011.

CATANI, A. M.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. R. de M. Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: KONDER, L.; TURA, M. de L. R. (Org.). **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p.127-160.

CHAMPAGNE, P.; CHRISTIN, O. **Mouvement d'une pensée: Pierre Bourdieu**. Paris: Bordas, 2004.

CHARTIER, R. Introdução: por uma Sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A história cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

JOURDAIN, A.; NAULIN, S. **La théorie de Pierre Bourdieu et ses usages sociologiques**. Paris: Armand Colin, 2011.

MAUGER, G. Sobre algunos obstáculos sociales a la comprensión de la obra de Pierre Bourdieu. Tradução de Lucía Torres Salmerón. In: ALONSO, L. E.; CRIADO, E. M.; PESTAÑA, J. L. M. (Org.). **Pierre Bourdieu: las herramientas del sociólogo**. Madrid: Fundamentos, 2004a. p.283-298.

_____. Résistances à la sociologie de Pierre Bourdieu. In: PINTO, L.; SAPIRO, G.; CHAMPAGNE, P. **Pierre Bourdieu, sociologue**. Paris: Bordas, 2004b. p.369-412.

MONTAGNER, M. A.; MONTAGNER, M. I. A teoria geral dos campos de Bourdieu: uma leitura. **Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v.5, n.2, p.225-273, 2011.

SETTTON, M. G. J. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.41, p.296-307, maio/ago. 2009.

SILVA, M. da. O habitus professoral: objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.29, p.152-163, maio/jun./jul./ago. 2005.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, v.10, n.16, p.63-71, jul.-dez. 2007.

_____. Mapear o campo artístico. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n.48, p.117-123, 2005.

Recebido em 04/09/2013.

Aprovado em 02/03/2015.

